

HISTÓRIA E LITURGIAS POLÍTICAS: O REPERTÓRIO SIMBÓLICO ESCOTEIRO EM MINAS GERAIS (1926-1930)

Adalson de Oliveira Nascimento

A grande difusão alcançada pelo Movimento Escoteiro na primeira metade do século XX explica-se, em parte, por sua pedagogia, estreitamente vinculada ao que havia de mais moderno no pensamento educacional naquele momento, e, em parte, por sua potencial promoção dos ideais político-nacionalistas perante a infância e a juventude. Ao estudarmos estas questões, perguntamo-nos de que forma o Movimento atraía crianças, jovens e adultos, e como mobilizava-os em torno de sua doutrina. Em nossas pesquisas, deparamo-nos com fontes documentais que respondem a nossas indagações, pois encontramos um grande volume de informações que denunciam a existência de um *imaginário escoteiro*. Diversificados tipos documentais apontam a grande riqueza de símbolos, ritos e mitos no cotidiano do Movimento, os quais convenceram, em alguma medida, os militantes a filiarem-se ao Movimento e a juntarem-se em prol de algo que os transcendia, algo místico. Neste sentido, propusemos um estudo acerca do imaginário escoteiro que nos permitisse interpretar a consolidação do escotismo, não só no Brasil, mas em boa parte do mundo ocidental e oriental.

A riqueza de símbolos e ritos fez com que muitas pessoas denominassem este movimento de *Maçonaria mirim*. Existe até um debate sobre o fato, ainda nebuloso, de Baden-Powell ter sido ou não maçom¹ e de ele ter-se inspirado na Maçonaria ao criar o escotismo. Para *Boulanger*,

os princípios escoteiros são aproximadamente paralelos aos da maçonaria. [...] No escotismo e na maçonaria há sinais que somente são feitos pelos seus membros (embora os sinais escoteiros não possam ser considerados como secretos, apesar de Baden-Powell tê-los assim chamado nos primórdios do movimento, talvez para desenvolver uma mística, uma tradição, etc. ou até mesmo copiar esta idéia da

¹ Baden-Powell começou sua carreira militar na Índia com 19 anos. Vários de seus contemporâneos, como o escritor Rudyard Kipling, autor do livro da Jângal e do Kim, obras utilizadas por Baden-Powell no escotismo, tornaram-se maçons na Índia.

maçonaria). Uma outra característica comum das duas instituições é a tolerância religiosa².

A discussão sobre a similaridade entre o Movimento Escoteiro e a Maçonaria não nos interessa agora. Ao citarmos sua existência, cumpre-nos apenas registrá-la. A nossa tentativa é de perceber de que forma os escoteiros mobilizavam-se e como eles se uniam em torno de uma visão ideal de mundo.

As paradas com bandeiras e tambores, emblemas e flâmulas, os uniformes, os acampamentos e bivaques caracterizavam o Movimento Escoteiro e permitem entender as formas pelas quais se criava uma forte identidade entre os participantes. Hinos, *slogans* e saudações tinham o intuito de afirmar o sentimento de vínculo entre os escoteiros e de ganhar novos simpatizantes.

Acreditamos ser possível pensar num imaginário escoteiro, entendendo-se que

Quando uma sociedade, grupos ou mesmo indivíduos de uma sociedade se vêm ligados numa rede comum de significações, em que símbolos (significantes) e significados (representações) são criados, reconhecidos e apreendidos dentro de circuitos de sentido; são utilizados coletivamente como dispositivos orientadores / transformadores de práticas, valores e normas; e são capazes de mobilizar socialmente afetos, emoções e desejos, é possível falar-se da existência de um imaginário social³.

As atividades escoteiras aconteciam no campo e nas cidades. Eram marcadas pela utilização de ritos e símbolos de extrema riqueza. Sua análise revela a capacidade de mobilização e integração de crianças e jovens em prol das finalidades do Movimento. Os ritos, símbolos e mitos do escotismo são importantes representações do fecundo imaginário que o cercava. Segungo Baczko (1985),

² BOULANGER. *O chapelão, histórias da vida de Baden-Powell*, p. 172.

³ CAPELATO; DUTRA. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira, p. 229.

através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc⁴.

Existia no escotismo um juramento que marcava a identidade dos militantes e que revelava, de forma objetiva, a crença e a visão de mundo que deveria ser comum entre eles. Era feito logo no momento de ingresso no Movimento e acontecia durante um ritual chamado de *promessa*. Além do juramento, existia um conjunto de *leis* que o escoteiro deveria se comprometer a respeitar. Estes códigos de conduta explicitam a doutrina comungada entre os militantes:

O juramento escoteiro.

Pela minha honra eu prometo que:

I – Eu farei meu dever para com Deus e o Rei;

II – Eu farei o melhor de mim para ajudar os outros, não importa o que me custe;

III – Conheço a lei escoteira e vou obedecê-la.

A lei escoteira:

1 – A honra do escoteiro é para ser acreditada;

2 – O escoteiro é leal;

3 – O dever de um escoteiro é ser útil e ajudar os outros;

4 – O escoteiro é um amigo para todos, e um irmão para qualquer outro escoteiro, não importa a qual classe social o outro pertença;

5 – O escoteiro é cortês;

6 – O escoteiro é um amigo dos animais;

7 – O escoteiro obedece ordens;

8 – O escoteiro sorri e assobia;

9 – O escoteiro é econômico. (tradução nossa)⁵

⁴ BACZKO. Imaginação social, p. 309.

⁵ Esta é a primeira versão do juramento e lei escoteiros publicada no livro *Scouting for boys* de 1908. Citado por ROSENTHAL, Michael. *Baden-Powell and the origins of the Boy Scout movement*. New York: Pantheon Books, 1986. pp. 109-110. *The Scout's Oath. On my honour I promise that: I - I will do my duty to God an*

O juramento revela as premissas do Movimento: o respeito a Deus e à Pátria, representada pela figura do rei. O escotismo foi criado na Inglaterra, no início do século XX, e naquele país a Monarquia representava o Estado Nacional. No segundo item do juramento, o escoteiro promete o auxílio aos outros; no terceiro, compromete-se a obedecer uma série de regras contidas nos nove tópicos da *Lei Escoteira*. As promessas contidas no juramento revelam as bases do Movimento, que está estreitamente ligada à moral cristã. O escoteiro deveria ser, antes de tudo, um respeitador das autoridades e da ordem constituída, um cidadão conformado e obediente. Além disso, o juramento incentivava princípios como o da lealdade, da amizade, do respeito ao próximo e aos animais, e da disposição à alegria.

A cerimônia em que o escoteiro prestava a promessa já era o primeiro ritual em que participava. Ao jurar respeitar as normas diante da bandeira nacional e mantendo um gestual próprio, despertava-se sua adesão àquele ideário. O juramento e a lei escoteira atraíam crianças e jovens para uma crença mística. Toda a adesão ao Movimento dava-se de forma voluntária, e a lei não era proibitiva. O juramento, portanto, fazia a responsabilidade do cumprimento recair sobre os militantes.

Percebemos no Movimento Escoteiro uma forte valorização de práticas ritualísticas, que, acreditamos, tiveram papel importante na difusão dos valores do Movimento, bem como na consolidação dos laços de identidade de união do grupo. Na análise empreendida, baseamo-nos no conceito de *rito* expresso por Rivière (1997) em sua obra *Os ritos profanos*. Para o autor, ritos são um conjunto de práticas individuais ou coletivas codificadas e repetitivas, carregadas de forte simbolismo para seus participantes e baseiam-se em *uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito*.⁶

Dentre os rituais escoteiros, além do de investidura, já citado. Destacam-se os cumprimentos e saudações como elementos de identificação. As saudações deveriam ser feitas aos colegas a qualquer tempo, independente de estarem uniformizados ou não. Criavam-se assim, laços entre os escoteiros e mantinha-se o sentimento de pertencimento ao grupo. A expressão *Anauê!* era uma das saudações escoteiras. *Quando os escoteiros,*

the King; II – I will do my best to help others, whatever it costs me; III – I know the scout law, and will obey it. The scout law: 1 – A scout’s honour is to be trusted; 2 – A scout is loyal; 3 – A scout’s duty is to be useful and to help others; 4 – A scout is a friend to all, and a brother to every other scout, no matter to what social class the other belongs; 5 – A scout is courteous; 6 – A scout is a friend to animals; 7 – A scout obeys orders; 8 – A scout smiles and whistles; 9 – A scout is thrifty.

*depois de um jogo ou de uma lucta querem victoriar ao adversário [...] gritam anaué!, que corresponde na lingua dos indios brasileiros á expressão salve!*⁷ A saudação, muito utilizada pelos escoteiros, foi abandonada após sua adoção pela Ação Integralista Brasileira, na década de 1930.⁸

Além de ritos, o escotismo possuía um vasto conjunto de símbolos que expressam muito acerca de seu imaginário. Segundo Durand, *el símbolo se define como perteneciente a la categoría del signo. [...] Os signos alegóricos, cuando remite a abstracciones, en especial a cualidades espirituales o morales que es difícil presentar en carne y hueso.*⁹ Os *signos alegóricos* – que remetem a uma realidade significada difícil de ser vivenciada – estavam presentes no imaginário escoteiro.

Um dos principais símbolos e elemento de identificação dos escoteiros era o uniforme. Semelhante à vestimenta militar, o uniforme era peça chave para a prática do escotismo: *como o uniforme dos militares, adequado a todas as ceremonias, assim também é o do escoteiro.*¹⁰

Os símbolos podiam estar nas flâmulas ou nos distintivos pregados ao uniforme. Eram oferecidos a pessoas homenageadas durante cerimônias. O símbolo escolhido para representar o escotismo foi a flor-de-lis, importante referência para a identificação escoteira, vindo a tornar-se um símbolo universal do Movimento. Baden-Powell, em sua autobiografia, diz ter adotado o símbolo por ele representar o Norte nos mapas e bússolas. *O significado atual que se pode dar à flor-de-lis é que ela aponta a direção certa (para o alto) não se desviando nem para a direita, nem para a esquerda, o que nos levaria a perder o rumo.*¹¹

Outro elemento importante do imaginário escoteiro era o lema *Be Prepared*. Significa que o escoteiro deve estar sempre pronto para defender a pátria e cumprir seus deveres. As iniciais do lema coincidem com as iniciais de seu criador, BP. No Brasil, o *Be Prepared* foi traduzido como *Sempre Alerta* por Mario Cardim, ativo militante do

⁶ RIVIÈRE. *Os ritos profanos*, p. 30.

⁷ VELHO LOBO. *Guia do Escoteiro*, p. 42.

⁸ Artigo publicado em periódico escoteiro de 1937 informa que quando os integralistas passaram a utilizar o termo, os escoteiros não se dispuseram lutar para ter a exclusividade do uso do grito de guerra e preferiram abandoná-lo. Informa ainda que a UEB aprovou a substituição da saudação por *Marangatú!* (*Muito bem! em língua indígena*). INUBIA. Belo Horizonte: Associação de Escoteiros Afonso Arinos, ano I, nº 5, 25 de ago. 1937.

⁹ DURAND. *La imaginación simbólica*, p. 10 e 11.

¹⁰ VELHO LOBO. *Guia do escoteiro*, p. 31.

¹¹ BADEN-POWELL. *Lições da escola da vida*, p. 63.

Boulanger informa que, a flor-de-lis era o distintivo usado pelos exploradores (guias/scouts) do Exército inglês. Cf. BOULANGER, Antonio Uchoa Ribeiro. *O chapelão, histórias da vida de Baden-Powell*. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2000. p. 114.

Movimento na década de 1910. A flor-de-lis e o lema foram utilizados pelas tropas de soldados na África do Sul treinadas por Baden-Powell nos primeiros anos do século XX.

A cruz suástica era um dos símbolos de distinção no Movimento. Esta condecoração deveria ser entregue a pessoas que prestassem serviços relevantes ao escotismo.¹² Foi abandonada na década de 1930 quando os nazistas a incorporaram em seu repertório simbólico.

Diversos distintivos utilizados pelos escoteiros eram fixados ao uniforme. Estavam relacionados à posição hierárquica à qual o escoteiro pertencia ou ao tempo de militância no Movimento. Eram entregues durante cerimônias ritualísticas, muitas vezes, complexas. Alguns eram exclusivos dos militantes e outros eram entregues a personalidades diversas.

Sem dúvida, o momento mais importante para os escoteiros era quando iam para o campo. Segundo figura importante no Movimento: *Escoteirismo faz-se no campo, por isso mesmo uma tropa, mal se organize, deve iniciar logo as suas excursões.*¹³ Nos acampamentos, os escoteiros experimentavam uma vida rústica, onde tinham que *sobreviver* por si mesmos, tornando-se *bons cidadãos úteis à pátria*. Ocorriam atividades diversas, como marchas, jogos e *fogo do conselho*,¹⁴ todas desenvolvidas visando ao desenvolvimento físico e/ou moral e/ou intelectual, de acordo com os princípios da doutrina badeniana.

Além do campo, os grupos escoteiros desenvolviam diversas atividades na cidade: reuniam-se periodicamente para ouvir palestras e exercitar-se; participavam de cerimônias cívicas comemorativas, como as do *Dia da Independência*, do *Dia da Raça*, do *Dia do Trabalho*, *Dia da Bandeira*, *Dia do Soldado*, etc; e organizavam festividades, como a *Semana Escoteira*, eventos de provas e competições entre tropas e campanhas de arrecadação de fundos ou donativos para necessitados e romarias cívicas.

Outro ritual característico do cotidiano escoteiro eram os *bandos precatórios*, realizados para arrecadar fundos para ajuda a necessitados. Os escoteiros saíam pelas cidades com instrumentos de percussão chamando a atenção das pessoas e solicitando contribuições em dinheiro ou mantimentos. Encontramos registros de realização de vários

¹² Vários brasileiros foram agraciados pela cruz suástica escoteira. Dentre eles, Antônio Carlos Andrada, em abril de 1928, por ter dado grande apoio ao escotismo enquanto presidente do Estado de Minas Gerais no período de 1926 a 1930. O dia de ante-honte dos escoteiros. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 jun. 1928.

¹³ VELHO LOBO. *Guia do escoteiro*, p. 91.

¹⁴ O *fogo do conselho* era um importante ritual no qual o chefe *aproveita para repassar os factos mais importantes do dia, incentivando, exaltando as boas acções praticadas, condemnando as más. [...] E seguem-se os canticos, as representações, as histórias, as anedoctas, todos se alternando com espírito, tornando aquella hora, ao redor do fôgo, de um indizível encanto.* VELHO LOBO. *Guia do Escoteiro*, p. 122.

bandos precatórios. Citamos alguns, ocorridos em Belo Horizonte, como os destinados a assistir tuberculosos pobres, em 1928; a socorrer as famílias dos soldados mineiros participantes dos conflitos da Revolução de 1930;¹⁵ a angariar fundos para o Comitê Central de Minas Gerais pró-Extinção da Dívida Externa em 1930¹⁶; e a arrecadar donativos para o Natal dos Pobres¹⁷, em 1931¹⁸ e 1932.¹⁹

Além das cerimônias cívicas, os escoteiros promoviam outras festividades, nas quais se apresentavam espetáculos artísticos variados com artistas profissionais e os próprios escoteiros, que tinham a oportunidade de mostrar seus talentos, além de angariar fundos para a obra. Estes eventos se constituíam em um dos pontos de integração entre o Movimento e a sociedade em geral. Eram comuns também os concursos para a escolha e premiação dos escoteiros que mais se destacavam, eram amplamente divulgados pelos jornais. A título de exemplo, citamos dois eventos. Em 1930, o *Diário Carioca* promoveu a escolha do *Melhor Escoteiro do Brasil*. A entrega do prêmio ocorreu no *Teatro Lyrico*, no Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1930. Júlio Rodrigues Filho recebeu a medalha de ouro e o diploma de *Melhor Escoteiro do Brasil*. O grupo a que pertencia, *Club Regatas Flamengo*, recebeu uma taça. Durante o evento, apresentaram-se diversos artistas de renome, tendo o jornal *Estado de Minas* noticiado a presença de Carmem Miranda, que foi assistir à entrega do prêmio e causou *grande alvoroço*.²⁰ Em 1928, houve em Belo Horizonte uma grande festa de *Coroação da Rainha dos Escoteiros Mineiros*, na qual se apresentaram artistas de renome.

Podemos concluir que as diversas cerimônias criavam um sentimento de pertencimento entre os escoteiros. Os rituais cumpriam o papel essencial de favorecer a mobilização e de atingir os objetivos do Movimento.

Rivière, em sua obra *As liturgias políticas*, fala da importância das liturgias, cerimônias, festas e ritos:

¹⁵ Mais um bello gesto dos escoteiros das associações Guia Lopes e Barão de Macahubas. *Estado de Minas*, 14 de out. 1930.

¹⁶ Vae crescendo rapidamente o movimento em prol do resgate da dívida externa. *Estado de Minas*, 08 de nov. 1930.

¹⁷ Sobre a participação dos escoteiros belo-horizontinos na campanha de arrecadação e distribuição de donativos para pobres no natal, ver: VEIGA, Cynthia Greive; GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 135-160, jan/jun. 2000.

¹⁸ O natal dos pobres. *Estado de Minas*, 20 de dez. 1931.

¹⁹ Mais um bello gesto escoteiro. *Minas Gerais*, 21 de dez. 1932.

²⁰ O melhor escoteiro do Brasil. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 de set. 1930.

...não há movimento político, de partido ou de regime, que deixe de recorrer à série de atos solenes, repetitivos e codificados, de ordem verbal, gestual e postural, de forte conteúdo simbólico. Algumas manifestações públicas ritualizadas, ao afirmar a integração de uma coletividade, exibem uma identidade e exprimem uma vontade de existir na comunhão de certos ideais.²¹

O imaginário escoteiro sustentava-se em símbolos, ritos e mitos que eram cultivados no cotidiano do Movimento. A propaganda impressa era um meio difusor deste imaginário. Exemplo disso são as capas de cadernos escolares, que apresentavam desenhos com motivos escoteiros.

Além da propaganda via materiais impressos, encontramos também indícios de propaganda via rádio. Em 1941, o jornal *Estado de Minas* publicou a notícia de que a UEB estava mantendo contato com o Departamento de Imprensa e Propaganda para que nos dias 5 e 20 de cada mês fossem transmitidas na Hora do Brasil notícias do escotismo nacional.²²

O compartilhamento de um imaginário comum e a divulgação da doutrina escoteira tornaram-se possíveis graças aos materiais impressos e ao contato constante entre os grupos dos diversos estados brasileiros. O deslocamento das tropas escoteiras também cumpriria um papel de integração nacional. A mesma lógica de que o contato e o conhecimento do território nacional criam laços de pertencimento entre pessoas, presente nos meios militares, existia no escotismo. As viagens de visitas realizadas pelos escoteiros eram uma constante, e cruzavam as fronteiras estaduais. São inumeráveis os documentos que dão conta destes deslocamentos de grupos de um lugar ao outro, e quase sempre as visitas eram retribuídas, proporcionando aos escoteiros a experiência de serem hóspedes e de hospedarem colegas de localidades distantes. Os encontros, além de incentivarem o reconhecimento do espaço e da cultura nacionais, permitiam a demarcação de padrões de prática do escotismo, mediante a troca de experiências entre os grupos de locais diferentes. Além das visitas recíprocas de grupos e associações, ocorriam os *ajuris*,²³ que eram encontros em que se reuniam escoteiros de várias localidades ou estados.

²¹ RIVIÈRE. As liturgias políticas, p.13.

²² União dos Escoteiros do Brasil. *Estado de Minas*, 29 de jun. 1941.

²³ No escotismo, são utilizados diversos termos indígenas. O encontro mundial escoteiro foi denominado por Baden-Powell como *Jamboree*, que significa, *na língua dos índios peles vermelha*, o encontro anual em que se reúnem para uma grande festa. No Brasil, os encontros escoteiros foram denominados *Ajuri*, palavra d

